EMILIA AMARAL
Professora de Literatura
para amar
Clarice
COMO DESCOBRIR E APRECIAR OS
ASPECTOS MAIS INOVADORES DE SUA OBRA
FARO
EDITORIAL

EMILIA AMARAL

para amar Clarice

COMO DESCOBRIR E APRECIAR OS ASPECTOS
MAIS REVOLUCIONÁRIOS DE SUA OBRA

FARO
EDITORIAL

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2017

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação **CARLA BITELLI**

Revisão **GABRIELA DE AVILA E ANA UCHOA**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Ilustração Clarice **ANDRE BDOIS**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amaral, Emilia
Para amar Clarice : como descobrir e apreciar os aspectos mais inovadores de sua obra / Emilia Amaral. — 1. ed. — Barueri, SP : Faro Editorial, 2017.

Bibliografia
ISBN: 978-85-9581-000-6

1. Lispector, Clarice, 1925-1977 - Crítica e interpretação I. Título.

17-05707 CDD-869.98

Índice para catálogo sistemático:
1. Escritoras brasileiras : Análise crítica : Literatura brasileira 869.98

FARO EDITORIAL

1ª edição brasileira: 2017
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por FARO EDITORIAL

Alameda Madeira, 162 — Sala 1702
Alphaville — Barueri — SP — Brasil
CEP: 06454-010 — Tel.: +55 11 4196-6699
www.faroeditorial.com.br

APRESENTAÇÃO

> Minha voz é o modo como vou buscar a realidade; a realidade, antes de minha linguagem, existe como um pensamento que não se pensa. A realidade antecede a voz que a procura, mas como a terra antecede a árvore, mas como o mundo antecede o homem, mas como o mar antecede a visão do mar, a vida antecede o amor, a matéria do corpo antecede o corpo, e por sua vez a linguagem um dia terá antecedido a posse do silêncio.[1]

Este trabalho tem o objetivo de convidar os leitores a se aproximarem mais da obra de Clarice Lispector (1920-1977), que viveu e escreveu sob os signos da fascinação e do paradoxo: adorada por muitos, eleita como objeto de várias tendências críticas, ao mesmo tempo avessa a diferenciações de gênero, entre outras categorias classificatórias. Bastante citada, adulterada, popularizada por um viés pseudofilosofante, a escritora é simultaneamente considerada hermética, incompreensível, no limite, insuportável, em sua intensidade.

A experiência de ler Clarice é sempre radical, como tende a acontecer com a experiência artística, na medida em que esta transfigura a vida, recriando-a com imaginação, sensibilidade e forte carga significativa. Cada artista, cada produtor de um tipo específico de linguagem que foge ao senso comum e instiga a sensação do belo, o desenvolvimento do espírito crítico, a ampliação de níveis de

consciência, resgata significados da trajetória humana que nos auxiliam a nos compreender, como individualidades e também como seres sociais, universais.

No caso de Clarice, ou seja, no que concerne a sua especificidade no contexto da moderna literatura brasileira, estamos falando de uma perseguidora de nossa mais funda vida introspectiva, de nossos clarões de percepção ao mesmo tempo delicados e bárbaros, solitários e em busca de comunhão, carentes de certezas e capazes de transcendências inimagináveis. Clarice dedicou sua vida a narrar o inenarrável, a dizer o que ultrapassa as palavras, a procurar a realidade por meio de um constante e atormentado uso da linguagem que constitui o meio privilegiado através do qual se alude à coisa, ao selvagem coração da vida, à opacidade e aos mistérios do mundo intocado de forma direta pelos seres culturais e tão distantes da natureza que nos tornamos.

As histórias de Clarice caracterizam-se sobretudo pela rarefação ou diminuição do espaço da fábula, isto é, dos acontecimentos ou ações, em proveito dos efeitos que provocam na subjetividade das personagens. Trata-se, assim, de uma escritora cujo trabalho é marcado pela introspecção. Ela "perscruta" os silêncios plenos de sentidos ocultos, extremamente contraditórios, de que somos constituídos, em nossa realidade interna.

Daí eleger como suas personagens privilegiadas os bichos, as plantas, os seres mais primitivos e dissonantes em nossa sociedade, ou então aqueles que se desviam, por acaso ou por impulso, da rotina que traça nossas molduras e com elas vai nos alienando. Eles são pungentes, como a nordestina Macabéa; ou como Mineirinho, morto com treze tiros de policiais sendo que, como diz Clarice, um só bastava para matá-lo; como mulheres e homens presos aos laços de família e alheios de si próprios; como figuras que duramente mas

cheias de vitalidade vão descobrindo, desde pequenas, que a felicidade é clandestina, que crescer é doloroso, pois implica se exilar de si próprio, para conseguir a aceitação dos outros; que é preciso amar o que existe, e não o que amaríamos a partir de nossas limitações narcísicas; que as pessoas precisam recuperar o grito ancestral que as revitaliza e mostra do que são capazes, transgredindo moldes, padrões, num exercício obsessivo de desconstrução de tudo o que brutaliza a sensibilidade.

Este traço da literatura de Clarice — a desconstrução do chamado processo civilizatório — é sem dúvida o principal, no sentido de sua especificidade, e não se reduz à dimensão temática. Ele abrange, muito fortemente, a forma como Clarice escreve. Para soletrar o universo dos afetos humanos é preciso lutar com as palavras, como diria o poeta Carlos Drummond, e convocar para esta luta o leitor, já que se trata de uma região indizível, inominável, subterrânea, cuja decifração demanda entrega, energia, espírito crítico, disponibilidade.

Nesse sentido, a obra clariciana é particularmente avassaladora: ela não costuma deixar indiferentes aqueles que a tocam/são tocados por ela. Ao contrário, seduz, alicia, absorve o leitor, de modo a provocar sentimentos intensos, cujos limites são, de um lado, a repulsa, e, de outro, a identificação incondicional, quase adoração.

Trata-se de posições extremas, deflagradas por algo como um *pacto*. Esta palavra — que significa aliança, laço, parceria, cumplicidade — é condição de fruição do texto, e particularmente do texto clariciano. A partir dele, o leitor é arrastado pelo universo ficcional muitas vezes de um modo especular, como se o *lido* se confundisse com o *vivido*, não propriamente no plano dos acontecimentos, mas no do modo como os acontecimentos repercutem nos indivíduos, fragilizando-lhes as certezas e desnudando-os dos lugares comuns

que naturalizam os hábitos e escondem o desamparo que caracteriza a condição humana.

Enfim, este convite é claro: conhecer mais esta escritura errante, convulsiva, caleidoscópica, visceral. Marcada pela visão do que se oculta, mais alusiva que afirmativa, ela remete constantemente à questão da identidade. Quem sou eu? Por que escapo de mim? O que procuro? Por que o objeto desta procura nunca está onde estou, mas em outro lugar, incognoscível? A volatilidade do ser, a paixão pela existência, a solidão de não sentir raízes estáveis, de jamais encontrar repouso, constituem, enfim, algumas das chaves para chegar a esta escritura que tende a aproximar termos opostos — eu/outro, civilização/natureza, linguagem/silêncio, entre outros — e, assim, procurar uma unidade perdida entre o que chamamos *divino* e o que chamamos *real*.

A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

> Evola-se de minha pintura e destas minhas palavras acotoveladas um silêncio que é também como o substrato dos olhos. Há uma coisa que me escapa o tempo todo. Quando não escapa, ganho uma certeza: a vida é outra. Tem um estilo subjacente.[2]

Clarice Lispector é um dos grandes nomes da literatura brasileira da segunda metade do século XX, época de ouro, na medida em que havia também João Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, entre tantos outros. Os autores

mencionados representam uma decantação do modernismo, uma redescoberta do Brasil em suas regiões mais pobres, inóspitas e desconhecidas. Clarice Lispector, por sua vez, traz elementos do romance moderno europeu, cujo centro é a consciência individual dilacerada, a qual despedaça a linguagem e desestrutura as convenções romanescas tradicionais: James Joyce e Virgínia Woolf, entre outros, logo foram trazidos à tona pela crítica, desnorteada com a originalidade da então estreante. (1943: *Perto do coração selvagem*).

Com o tempo, ela tornou-se muito conhecida dentro e fora do Brasil, inclusive se destacando em sua imagem de mulher bela e exótica, que tinha um sotaque estranho, resultante de língua presa, e que morou fora do país por muitos anos, durante o casamento com um diplomata. Suas aparições eram, nessa época, raras e misteriosas; há inúmeras anedotas interessantes a respeito da figura exuberante e tímida que sempre foi.

No entanto, o foco deste trabalho é mais a escrita que a figura de Clarice, e seu objetivo é apresentá-la aos leitores de modo a construir um itinerário de leitura que corresponda a uma "iniciação" orientada por elementos de seu estilo, um caminho sugerido do que observar mais: em seus temas, motivos, imagens, recursos estilísticos, obsessões.

Para realizá-lo, escolhi esboçar um breve perfil de Clarice e de sua obra, atentando sobretudo para a profundidade da relação que manteve toda a vida com a escrita.

Após, apresento um roteiro de leitura, por meio da combinação entre um recorte cronológico e outro temático. O recorte cronológico consiste em começar pela última obra (*A hora da estrela*), voltar à primeira (*Perto do coração selvagem*) e seguir, respeitando a sequência temporal em que foram publicadas as obras selecionadas para análise (as mais conhecidas e relevantes para uma abordagem

introdutória). Esta escolha é de grande valia para o leitor, na medida em que organiza e torna produtiva a leitura.

No entanto, não deixo de abordar o recorte estilístico e temático. Ele é contemplado na medida em que se acrescenta à análise da obra central dos capítulos, como leituras complementares, outros textos comentados, que apresentam afinidades estilísticas e temáticas com a referida obra. Assim, completa-se o ciclo: com as referências fundamentais para o conhecimento do conjunto da obra clariciana, o leitor pode optar por onde quer começar/continuar/retomar sua leitura.

A hora da estrela é um dos mais belos, tocantes e conhecidos romances de Clarice. Publicado dois meses antes da morte da autora, pode ser considerado seu testamento literário: retoma as imagens, os motivos, os temas seminais de toda a sua produção, dando vida a Macabéa: estrela de mil pontas, ícone do Brasil dos retirantes, como Fabiano e Sinhá Vitória (de *Vidas secas*, de Graciliano Ramos) e Severino (de *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto), que muitos teimavam em afirmar que Clarice não enxergava.

Já o romance de estreia, *Perto do coração selvagem*, uma espécie de romance de formação, de retrato da artista quando jovem, permite uma reflexão a respeito da circularidade desta obra, em que começo e desfecho juntam-se em camadas ou ciclos que se justapõem, compondo a figura do círculo. Veremos que este e outros romances e contos da escritora não apresentam linearidade; é como se estivéssemos defronte das teclas de um piano, onde as obras são exercícios de escala: os mesmos temas e procedimentos vão e voltam, com nuances que valem a pena perceber e destacar.

ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS

www.faroeditorial.com.br

FARO EDITORIAL

ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
VOX GRÁFICA EM JULHO DE 2017